

## **Alterações da paisagem e território ambiental: uma introdução à influência no *ñande reko* dos Guarani e Kaiowá**

Elaine Da Silva Ladeia/FAIND/UFGD

elaineladeia@ufgd.edu.br

GT – 2 TERRITÓRIOS E TERRITORIALIDADE

### **O TERRITÓRIO/AMBIENTE , OS INDÍGENAS E SUAS RELAÇÕES**

A abordagem etnoecológica procura integrar ao estudo ecológico o conhecimento de como as populações percebem os recursos. A etnociência trata do estudo das percepções culturais do mundo e de como os indivíduos organizam essas percepções por meio da linguagem. Nesse sentido observamos que a natureza, e o ambiente em que está inserida no cotidiano das comunidades indígenas está intrinsecamente associada ao *ñande reko* -modo de ser dos Guarani e Kaiowá, nela existem os *jara* – donos da natureza – estes de acordo com os etnoconhecimentos indígenas permitem ou não o uso dos recursos naturais para uso e sobrevivência das comunidades e seus indivíduos.

A relação do homem/índio com a natureza e/ou o meio ambiente, é uma relação orgânica, o homem/índio não dissocia o meio ambiente de si mesmo, ele é parte do ambiente, também é natureza, e nesse contexto os conhecimentos sobre o ambiente e a relação existente do homem e a natureza são intrincados, interdependentes. O equilíbrio das forças naturais e espirituais, juntamente com a preservação do ambiente, convergem para que a continuidade da vida seja possível, como podemos observar na fala a seguir, relatada por um professor indígena da etnia Guarani/Kaiowa:

*“O chão pra nós é especial pra entender, pra fortalecer a nossa dança e vai fortalecer a língua que hoje está quase, pra mim está, em perigo de acabar mesmo a nossa língua guarani. O modo de ser, porque aqui a gente fala sobre a nossa língua, a gente dança, mas nós não praticamos esses rituais quando a gente se encontra nas reuniões na cidade. E, também, falar no espaço é dizer que a terra vai servir pra repassar tudo que a gente tem, de acordo com a nossa visão, pras crianças e, também, ensinar as crianças que a terra não é pra gente chegar e aí ficar e depois dizer que essa terra já não vale mais e vamos vender”.*(MARTINS, 2006, pg. 143)

Essa estreita relação homem-natureza, e a importância da preservação dos recursos e conhecimentos tradicionais das comunidades indígenas, expressa-se no apontamento de Leff(2012), que define essa relação como ‘saber ambiental’ – que é o reconhecimento das identidades dos povos, suas cosmologias e seus saberes tradicionais como parte de suas formas culturais de apropriação de seu patrimônio de recursos naturais.

Para Brandão ( p.85), as tribos indígenas ocupam territórios próprios a que se adaptam ao longo de muitos anos; as relações básicas com o mundo, através do trabalho respondem em boa medida por quase todas as características de uma sociedade tribal. Da natureza e do seu trabalho com ela – caçando, pescando, coletando, criando animais – os índios sobrevivem e reproduzem a vida física de suas pessoas, membros de suas famílias e aldeias.

De acordo com Diegues e Pereira (2010, p. 38), devido à demanda global a favor da proteção da natureza, juntamente com o crescimento de correntes ambientalistas detentoras de perspectivas diferentes da preservacionista, as populações tradicionais passaram a ser consideradas importantes como atores responsáveis pela proteção do ambiente natural no qual estão inseridas e dessa forma, a abordagem de

assuntos relacionados com conhecimentos tradicionais implica em uma série de discussões desenvolvidas em diversas esferas científicas e políticas, geradoras de embates no âmbito local e internacional, visto que estes conhecimentos são alvos de diversos interesses. Tais discussões que pontuam a possibilidade do manejo dos recursos naturais associado aos conhecimentos tradicionais proporcionar a conservação da natureza *in situ*. Estas discussões inserem novos direcionamentos para o conservacionismo, principalmente nos países em desenvolvimento, configurando um novo enfoque, chamado de etnoconservação, a qual pode ser considerada como uma das soluções capazes de interromper, ou ao menos diminuir, a intensa destruição da natureza ocasionada pelo modelo econômico capitalista de desenvolvimento adotado por diversos países.

Os indígenas vivem relações muito estreitas com a natureza, sendo assim criam regras e princípios, mas também mitos, lendas crenças, ideias e valores sobre tudo o que há e tem a ver com a vida da tribo, bem como sistemas de modos de “pensar o mundo e pensar-se no mundo”, e dessa forma essas relações explicam por que tudo que há nas sociedades indígenas é assim e não de um outro modo (BRANDÃO, , p.87).

Considerando a importância do ambiente para as comunidades indígenas, e em particular para as etnias Guarani e Kaiowá, esse trabalho visa apresentar uma introdução sobre como as mudanças ambientais ocorridas nas aldeias indígenas do Cone Sul de Mato Grosso do Sul, vêm provocando mudanças nos costumes tradicionais de alimentação, ritos culturais das etnias Guarani e Kaiowá, bem como também na alimentação e jeito de ser desses indivíduos em suas aldeias.

## **A CHEGADA DO “NOVO” EM MATO GROSSO DO SUL**

O Estado de Mato Grosso do Sul (MS) concentra uma das maiores populações indígenas no Brasil, essas populações encontram-se distribuídas por todo o Estado em áreas já demarcadas legalmente, mas também em áreas aguardando o processo de demarcação e estudos antropológicos para tal. O MS é um dos estados que a partir da expansão da fronteira agrícola no território brasileiro a partir da década de 60, recebeu diversos investimentos e incentivos do governo federal para que fossem implantadas áreas de produção agrícola e também para a pecuária, isso conseqüentemente influenciou e alterou drasticamente o modo de vida e sobrevivência das populações indígenas e também a constituição natural de seus territórios.

A terra é tradicionalmente ocupada por índios, independente de estar administrativamente demarcada, deste fato decorrem direitos constitucionais à posse permanente e ao usufruto exclusivo das riquezas naturais existentes nessas terras. A correta compreensão desses dispositivos constitucionais é fundamental e determinante para se verificar a possibilidade de compatibilização de outros institutos jurídicos, como as unidades de conservação, de natureza infraconstitucional (ROMERO e LEITE, 2010, P. 153).

Muitas das populações indígenas de MS foram destituídas de seus territórios tradicionais no decorrer do processo de expansão agrícola e ocupação das terras por companhias que aqui chegaram e iniciaram um processo de colonização agrícola, e utilizaram a força de trabalho indígena para suas atividades. Na continuidade desse processo deu-se então com a promulgação da Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988) e a Convenção 169 da OIT, a obrigatoriedade e legitimação dos direitos indígenas sobre seus conhecimentos e seus territórios tradicionais e seu usufruto.

Considerando o direito ao território e preservação dos conhecimentos tradicionais, esse trabalho introdutório foi realizado com os acadêmicos da Licenciatura Indígena Teko Arandu da FAIND/UFGD dentro das atividades de alternância realizadas

no período de julho de 2015 a junho de 2016 em 14 comunidades indígenas onde residem os mesmos, tendo sido realizados por meio de entrevistas com a comunidade escolar das aldeias, jovens, anciãos e mestres tradicionais.

## **A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA DO TEKÓ ARANDU E O AMBIENTE**

O Teko Arandu é uma Licenciatura específica para os indígenas das etnias Guarani e Kaiowá da região do Cone Sul de Mato Grosso do Sul, que funciona na modalidade da Pedagogia da Alternância, habilitando os licenciandos para atuarem nas escolas indígenas das aldeias de MS nas quatro grandes áreas do conhecimento: Matemática, Línguas e Códigos, Ciências Humanas e Ciências da Natureza. Dessas áreas a Habilitação em Ciências da Natureza tem papel importante para estabelecer o diálogo entre os saberes tradicionais e ocidentais do binômio homem-natureza, bem como a importância da preservação ambiental e dos recursos naturais existentes.

Durante as atividades programadas para o tempo comunidade na Licenciatura Indígena Teko Arandu em Ciências da Natureza no segundo semestre do ano de 2015 e no primeiro de 2016, solicitamos aos acadêmicos que realizassem questionários e entrevistas e aplicassem com as pessoas da aldeia onde residem para obter um panorama de qual é a percepção dos mesmos sobre as mudanças ocorridas nas terras indígenas onde estão e como essas mudanças tem alterado o modo tradicional dessas aldeias.

De acordo com BRANDÃO ( , P. 89), no contato com o branco, o modo de ser do índio muda, e altera as atividades econômicas tradicionais, a organização do grupo, os hábitos de lazer, da língua, alimentares, mudam também o corte de cabelo e o tipo de roupa usada, entre outras mudanças. Nesse sentido durante o período em que os

acadêmicos realizaram as entrevistas com os mestres tradicionais em suas aldeias, todos eles relatam que antigamente existiam mais animais para caça, mais peixes nos rios, a presença dos pássaros e da variedade desses, também era maior e que hoje já diminuiu muito.

Sabemos que com o avanço da monocultura, pecuária de gado de corte, e avanço da indústria sucroalcooleira em MS, muitas aldeias tem sofrido alterações ambientais. O desmatamento realizado no entorno das aldeias para a implantação dessas práticas acarreta o desaparecimento e comprometimento de várias espécies animais e vegetais da biodiversidade local, isso também proporciona uma modificação no modo de ser das populações indígenas, uma vez que a utilização de plantas e suas partes para a fabricação de remédios, uso alimentar, extração de corantes para práticas rituais e de pintura tornam-se limitadas devido à escassez.

A alteração da paisagem nas comunidades indígenas segundo os acadêmicos tem contribuído para o aumento do consumo de produtos beneficiados oriundos do comércio da cidade, esse consumo a grosso modo, pois faz-se necessário uma pesquisa mais específica, tem contribuído para o aumento das mudanças dos hábitos alimentares e conseqüentemente ocasionado problemas à saúde dos indígenas como obesidade, taxa de colesterol elevada, gastrite entre outros.

Os resultados obtidos também demonstram nos relatos dos mestres tradicionais em particular, que ao longo dos últimos 30-40 anos, o ambiente das comunidades sofreu muita alteração, considerando que em muitas delas a pré-existência da exploração de madeira para comércio, do uso de terras para agropecuária tornou o ambiente escasso e trouxe danos as margens de rios, riachos e nascentes, acarretando problemas também quanto ao uso e disponibilidade de água nessas comunidades. Nessas terras, quando ocorreu a formação de comunidades indígenas, o ambiente que já

era prejudicado, foi sofrendo novas alterações e assim também alterando os costumes tradicionais desses indivíduos.

De maneira peculiar as respostas obtidas nesse trabalho introdutório confirmam o exposto por Brandão ( p.88), onde ele destaca que o contato entre índios e brancos provoca alterações sucessivas em todas as dimensões da vida do índio: 1) ele perde suas terras ou uma parte delas; 2) perde toda ou parte da sua autonomia de relações públicas e passa a se relacionar socialmente com a natureza; e 3) perde as condições anteriores de manter a equação de trocas de bens e trabalhos que preserva a vida física e social de todos entre todos.

### **UM FUTURO A PENSAR**

Esse é um trabalho inicial sobre as condições atuais da alteração da paisagem e de suas consequências para o modo de ser dos Guarani e Kaiowá, até o momento percebemos que algumas aldeias são mais tradicionais quanto aos modos e ritos, especialmente as que se encontram mais afastadas da vida urbana, nessas observamos uma preocupação constante em manter o uso da língua materna, de realizar a transmissão dos conhecimentos tradicionais aos mais jovens , manter a realização das festas e rituais dessas etnias.

A preservação dos saberes tradicionais nas comunidades indígenas também é uma constante nas escolas indígenas e nelas faz-se necessário lutar para que sejam plenamente diferenciadas e bilíngues com a autonomia de que necessitam para que possam determinar seus processos próprios de educação e escolarização nesse ambiente, que ainda é novo nas aldeias, e que se encontra de certo modo enquadrado pelo Estado, estipulando o que deve ser trabalhado.

Consideramos ao longo da realização desse trabalho a necessidade de um processo de educação ambiental que venha contribuir para a manutenção da biodiversidade, visando contribuir para a reestruturação do território dessa aldeias, pois necessitam de reflorestamento nas margens dos rios, bem como nas grandes áreas desmatadas dentro dessas aldeias, esse processo de recuperação das áreas em desequilíbrio traria paulatinamente o retorno de espécies animais e de outros seres vivos já não mais encontrados nessas áreas. É um processo longo, porém necessário se queremos pensar num futuro mais ameno em relação aos recursos naturais e locais que possam ser disponíveis para essas populações.

#### **REFERENCIAS UTILIZADAS**

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O Índio no Mundo do Branco. In: **Identidade e Etnia**. Editora Brasiliense, 1986.

BRASIL, CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988.

CONVENÇÃO 169, OIT.

DIEGUES Antonio Carlos. PEREIRA, Bárbara Elisa. Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 22, p. 37-50, jul./dez. 2010. Editora UFPR.

LEFF, Enrique. **Aventuras da Epistemologia Ambiental: da articulação das Ciências ao Diálogo de saberes**. São Paulo: Cortez, 2012.

MARTINS, Eliezer . A Terra como chão sagrado e valor cultural. **Tellus**, ano 6, n. 10, abr /maio 2006.



ROMERO, Ellen Cristina Oenning. LEITE, Vera Lúcia Marques. Terras indígenas: usufruto exclusivo e proteção do meio ambiente. **Tellus**, ano 10, n. 18, p. 139-160, jan./jun. 2010.